



Apreensões Visuais e Estéticas em Espaços Multidimensionais¹

Samantha Manfroni Filipin ROVIGATTI²
Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

O presente estudo propõe uma reflexão sobre modos de comunicar da arquitetura como espaço ampliado. Em face de sua importância como linguagem, o artigo busca investigar as implicações comunicacionais e relações interacionais dessa espacialidade permeada e constituída na cultura digital. Fundamenta-se pela articulação de conceitos que desvelam o espaço físico e o de dados em sua condição comunicante e multidimensional. Em um segundo momento faz uma análise das espacialidades urbanas transitórias, concebidas com o auxílio das tecnologias de informação e comunicação (TICs). E considera que esses espaços multidimensionais, marcados pelo intercâmbio de fluxos de informação, espelham o momento sócio-histórico vivido na contemporaneidade.

Palavras-chave

Espaço Ampliado; Cultura Digital; Cidade Contemporânea; Arquitetura.

Introdução

Arte imanente desde os primórdios da humanidade, a arquitetura manifesta em sua materialidade as heranças culturais, as marcas históricas do passado, expressas pelo espaço edificado. É uma importante e indispensável linguagem visual, um texto não-verbal. Como tal, possibilita múltiplas apreensões, em tantas leituras quantas forem os sujeitos da ação. Uma pluralidade de interpretações que denota o caráter complexo desse texto arquitetônico. Sob essa condição, a arquitetura não apresenta um único sentido, mas sentidos¹ e sua leitura ocorre pela operação inferencial sobre a experiência cotidiana (FERRARA, 1993). O conhecimento, a

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. email: samfrovigatti@gmail.com.

apreensão, constroem-se pela experiência.

O espaço arquitetônico se mostra fisicamente pleno por uma materialidade cujos valores — funcionais, técnicos e estéticos — são equilibrados pela arte de seu criador³. O arquiteto concebe o espaço físico, mas a completude se dá por quem usufrui desse espaço. Usufruir vem da conjunção em latim *usu +fruere*, cujo significado é desfrutar do uso. Sem perder as origens etimológicas que compõem a palavra, tem-se o uso e a fruição. De tal modo que aquele que faz uso e desfruta do espaço edificado se torna ao mesmo tempo, usuário e fruidor. A arquitetura se faz franqueável, convertendo quem a penetra em partícipe da essência espacial (COUTINHO, 2010). É sob essa constatação que o artigo faz uma reflexão sobre a linguagem da arquitetura, trazendo também elementos da ordem do sensível, de modo a investigar as implicações comunicacionais, os novos regimes de interação e de experiência.

Arquitetura comunicante: da presença à experiência

O caráter comunicacional da arquitetura é abordado por diversos autores, dentre os quais Lucrécia Ferrara, com o conceito de espaços comunicantes. Ferrara (2007, p.13) categoriza a espacialidade, a comunicabilidade e a visibilidade como elementos que configuram, de forma indissociável, a estrutura da aparência sêmica do espaço. O espaço comunicante não trata estritamente da arquitetura, refere-se também ao campo da fotografia, do cinema, da publicidade e propaganda, do design e outros. Outrossim, a aproximação com o conceito introduzido por Ferrara se dá pela noção de que as espacialidades ensinam a ver além das dimensões físicas do espaço, em uma construção cognitiva que o faz ser percebido por estímulos visuais que coadunam as dimensões material e sensível. Tornam-no apreensível em suas dimensões perceptivas e comunicantes (FERRARA, 2007, p. 18). A espacialidade, na condição de representação do espaço, o faz apreender-se pelas visualidades e comunicabilidades (*idem*, p. 13). Para a autora, a espacialidade “vai da arquitetura como equipamento à forma como cultura; da cidade como função e uso ao ambiente que se comunica com espaço social” (*ibid.*, p.7). Extrapola a ciência que se auto-explica como disciplina,

³ Em Coutinho (2010).

para tratar da descoberta do espaço “entre”, que se constitui pelo diálogo alinhavado por diversas áreas do conhecimento (*op. cit.*) O modo como se organizam as espacialidades constituem sua característica de mediação.

O objeto arquitetônico, assim como a cidade, possui uma dimensão espacial marcante, uma forte presença. Gumbrecht (2010, p. 127) desvela essa presença referindo-se a ela como um momento de intensidade, de experiência vivida: “Quero que conheçam a sensação de ter encontrado o lugar certo para o corpo, com que nos brinda e nos acolhe um edifício projetado com perfeição”. Por edifício entenda-se uma arquitetura edificada. Tem-se uma relação de corporeidade na apreensão do texto arquitetônico. O edifício passa a ser uma extensão do corpo e tende a “tocar” o sujeito, não sendo apenas um objeto de contemplação.

A realidade do espaço, dessa forma instituída em matéria totalizada e duradoura, situa-se, perante quem lhe penetra o âmago, não exatamente como o objeto em face do sujeito, mas como uma presença que, no ato de se fazer sentir, torna improvável, à pessoa que lá penetra com o ânimo passível de pura contemplação, dirigir o interesse a qualquer acidente espacial; às vezes o recinto arquitetônico, em atitude inversa, desarma do propósito de ater-se a algum componente do conjunto, o indivíduo que vem a aspirar, com surpresa, o fluxo de uma sensação. (COUTINHO, 2010, p. 157)

A espacialidade externa não dá conta de revelar o todo. Ao mesmo tempo, o espaço edificado interno não consegue abarcar a arquitetura em sua totalidade, mostra-se apenas de modo parcial. A arquitetura possibilita múltiplas apreensões, sobretudo por ser uma arte que se faz penetrar. Essa permeabilidade torna o edifício surpreendente a cada novo acesso. O espaço arquitetônico obriga a quem quer apreendê-lo, a ir ao seu encontro (COUTINHO, 2010, p. 80). A fruição pelo “estar presente” denota o arraigado efeito de presença que a arquitetura permite. Sentidos que não se apreendem em fotografias do espaço físico ou qualquer outra representação da materialidade arquitetônica (*ibid.*).

Para Coutinho (*op. cit.*) a apreensão pela visualidade é a que coaduna o sujeito na presença, de modo mais marcante, na medida em que sua identidade recebe uma qualificação extensiva. Em outras palavras, o sujeito torna-se seguro com sua existência ao ver o que está em seu entorno. Não obstante o destacado aspecto visual, a apreensão arquitetônica não está restrita a esse sentido, há também um componente estésico.

Na acepção de Landowski (1997, p. 121) as coisas não são meramente objetos sensíveis, “sem alma”, tampouco os sujeitos são unicamente inteligíveis, “sem corpo”. Tem-se, portanto, sujeito e objeto que “falam a mesma linguagem complexa, em que a apreensão do sentido não é separável da escuta do sensível”. Sendo a estesia um condicionante primal para a experiência estética⁴, embora não único, tem-se um importante passo para a manifestação do sensível. A arquitetura tende a “tocar” o outro e se esse sujeito for, de algum modo, afetado, passa a ser um sujeito estético, passível de vivenciar uma experiência estética. Essa noção de experiência estética pela afetação é o que traz o pensamento kantiano, postulado na Terceira Crítica, a Crítica da Faculdade de Juízo. Kant argumenta que para um sentimento se tornar comunicável, é necessário haver um acordo de afetos (SODRÉ, 2006). A noção de sentimento não equivale semanticamente a de emoção. Para o autor o sentimento é a emoção sã, surgida da serenidade, da lucidez e que leva à crítica da emoção exacerbada. O acordo afetivo invoca uma comunidade afetiva ou comunidade do gosto. Tornar comum o que faz o sujeito gostar de algo, o compartilhamento do gosto. Esse gosto representa a “faculdade de julgar a comunicabilidade dos sentimentos”, de torná-los universais. Eis o senso comum kantiano. O comum deve ser apreendido no sentido comunitário e não do vulgar, banal. O sujeito sente como se todos partilhassem do mesmo gosto. A sustentação da estética ou *aesthesis* de Kant está no afeto, no que toca o sujeito, sendo esta afetação a base da compreensão (*id.*).

A apreensão da arquitetura pode levar o sujeito a um deslumbramento maior, como se sofresse a ação de uma força externa. Eis o que Greimas propõe como fratura estética, em sua obra *Da Imperfeição*. O termo cunhado pelo autor refere-se a um evento, um momento marcado pela imprevisibilidade, que pode tornar-se pregnante no sujeito. Uma suspeição no tempo, uma quebra de rotina, daí a ideia de fratura. Essa ótica greimasiana traz também a excepcionalidade como característica. Para Caetano (2011), essa excepcionalidade imbricada ao caráter estésico é vital para uma experiência estética.

Na acepção de Hans Gumbrecht (2010, p.38), há um outro forte componente imbricado a esse fenômeno da experiência estética ou experiência vivida,

⁴ Em CAETANO (2011).

que é a presença. O autor aborda a presença como uma referência espacial, algo que está ao alcance do olhar, tangível ao corpo. Gumbrecht cunha o termo produção de presença para tratar das “materialidades da comunicação”, que por meio de sua forma, tocam” o corpo de quem está em comunicação de muitos modos. Essa dimensão “não hermenêutica” dos efeitos de presença não excluem a outra dimensão, igualmente importante que é a do sentido, da interpretação. Ambas estão em constante tensão. Toda a materialidade é composta pelos dois efeitos, em maior ou menor grau, mas não de forma complementar. Há uma oscilação entre as dimensões e é justamente nessa tensão entre sentido e presença que, segundo Gumbrecht, ocorrem os “momentos de intensidade”. A expressão foi adotada pelo autor para se referir à experiência estética, mas um tipo de experiência que não requer erudição, ocorre na cotidianidade. Um instante intenso e passível de ajudar a resgatar a dimensão espacial e corpórea. Algo que possa devolver ao homem a sensação de estar presente, de “estar-no-mundo”⁵.

Entender a noção de escala na arquitetura implica a medição inconsciente do objeto ou da edificação por meio do próprio corpo do observador, e na projeção de seu esquema corporal no espaço em questão. Sentimos prazer e proteção quando o corpo descobre sua ressonância no espaço (PALLASMAA, 2011, p.63).

Essa projeção da estrutura corporal no espaço físico faz erigir uma relação de corporeidade, na qual sujeito e ambiente passam a se constituir juntos, a moldar-se um ao outro. A arquitetura é uma das materialidades de comunicação que mais evidencia a dimensão da presença, a tangibilidade pelos corpos, pela própria essência acolhedora. A arquitetura abriga, interage, afeta, fazendo ressoar a condição da existência humana.

A presença do (e no) alargamento espacial

Com a ubiquidade das tecnologias da informação e comunicação (TICs) a dimensão da presença na materialidade arquitetônica se estendeu. O espaço de dados sobrepõe-se ao espaço físico proporcionando um alargamento dimensional. Alguns autores apontam para essa ampliação espacial, dentre os quais Lev

⁵ Em Gumbrecht (2010, p. 146).

Manovich, com o conceito de espaço aumentado que dará sustentação teórica para a análise proposta.

Para Manovich (2002) há um intercâmbio informacional entre o espaço físico e o de dados, em uma espécie de retroalimentação. Informações digitais são utilizados na concepção do espaço físico, ao passo que informações podem ser capturadas desse e enviadas ao espaço de dados, alargando-os mutuamente. Uma simbiose que resulta no alargamento espacial, a multidimensionalidade.

O espaço aumentado de Manovich não se restringe à arquitetura, esta é apenas parte de um conceito mais amplo. Tampouco a espacialidade da arquitetura pode ser considerada totalmente imersa nessa ampliação. Apesar da ubiquidade das TICs, nem sempre ocorre a extrapolação dimensional do espaço físico. A arquitetura pode erigir-se sem a interferência do espaço de dados, enquanto elemento constitutivo. Da mesma forma que o espaço digital pode não capturar informações presentes no espaço físico.

A confluência que aqui interessa está demonstrada na figura 1. Tem-se a intersecção entre o conjunto que representa a espacialidade arquitetônica como um todo e o conjunto que abarca o espaço aumentado. O que se pretende refletir é sobre essa área, que traz a arquitetura do espaço aumentado — cujas dimensões foram concebidas pela intervenção informacional da cultura digital.

FIGURA 1 – CONJUNTOS CONCEITUAIS



Fonte: elaborado pelo próprio autor

A memória sentida e presente

O primeiro exemplo dessa arquitetura é o que o próprio Manovich (2002, p. 226) traz ao conceituar o espaço aumentado, o Museu Judaico de Berlim (MJB). Para o autor “o passado literalmente corta o presente” na obra do MJB, na medida em que sua concepção arquitetônica foi resultante de um mapeamento de dados geográficos dos judeus que residiam no bairro de implantação do museu antes da Segunda Guerra Mundial.

FIGURA 2 – MUSEU JUDAICO DE BERLIM



Fonte: montagem de foto própria do autor e aérea <http://cs.utsa.edu>

Daniel Libeskind⁶ se apropria do espaço de dados existente como premissa para erigir sua obra, extrai dados 2D para conduzir sua arquitetura 3D (*ibid.*, p. 228). O arquiteto uniu os pontos no mapa e os projetou sobre o edifício. As janelas irregulares que compõem as fachadas, conforme figura 2, decorreram dessa projeção. A envoltória do edifício traz essas aberturas tênues — com características que fogem ao convencional e à ortogonalidade — que podem ser apreendidas como “cicatrices” que marcam a “pele” da construção.

O edifício destinado a abrigar um acervo que conta a história do Holocausto e da vida dos judeus no período pré-guerra, faz de sua arquitetura, do próprio espaço edificado, a narrativa principal. O MJB usa sua espacialidade para guardar a memória do povo judeu, revelando-se um marco de sensações e afetações que metaforizam o que

⁶ Daniel Libeskind foi o arquiteto responsável pelo projeto do MJB.

fora vivido no passado — uma “insistente presença dos ausentes” (SCHULZ, 2008, p.227). Há uma forte dimensão da presença, cujos efeitos se mostram a cada nova interação corpórea. A arquitetura parece insistentemente “tocar” o corpo, penetrar o sujeito. Por outro lado, a narrativa visual faz suscitar também elevados efeitos de sentido. A clausura, a penumbra, a assimetria invocam a ideia de opressão, angústia, insegurança. As múltiplas inclinações incitam o desequilíbrio, a perda do controle e remontam, em metáfora, as agruras vividas na barbárie. As imagens visíveis fazem emergir as imagens da memória (PALLASMAA, 2011).

O percurso da obra induz à oscilação entre os efeitos de presença e de sentido, condição para os acontecimentos que Gumbrecht nominou “momentos de intensidade”. Retomando a ideia do autor, eis um modo de experiência estética que requer a excepcionalidade, mas que é da ordem da cotidianidade. É passível de atingir qualquer sujeito, independente de apuro cultural, erudição. Trata-se, segundo o autor, de “pequenas crises do cotidiano”, instantes que não se enquadrariam nos moldes tradicionais de experiência estética, mas que para Gumbrecht poderão se configurar como tal (GUMBRECHT, 2006, p.52).

Apropriações e apreensões urbanas

Visto o exemplo de espaço aumentado na arquitetura, cabe referir-se também ao espaço urbano, a cidade. Os aparatos tecnológicos têm sido cada vez mais explorados nas apropriações espaciais urbanas. Mídias interativas como os jogos móveis locativos (JML) fazem uso do espaço físico com base em dados informacionais extraídos do espaço digital.

Apropriações erigidas pela interpolação da cultura do *videogame* e a emergente cultura da mobilidade, os jogos móveis locativos usam a base dos serviços de localização e a cidade como cenário para o lúdico (LEMOS, 2008, p. 57). Há um cruzamento informacional entre os espaços de dados e o físico, que retomam a ideia de aumento dimensional de Manovich. Segundo Lemos (2008) há distintas modalidades de JML, dentre as quais joga-se estando fisicamente no espaço urbano, outra em que o jogo envolve usuários presentes na cidade e usuários *online* — chamada de realidade mixta — e a modalidade na qual os jogadores estão no espaço

digital e fazem uso da cidade em uma realidade aumentada. A despeito das diferenças de categorias de fluxos informacionais, os espaços sofrem um alargamento espacial. Tem-se a captura mútua de dados e um processo de retroalimentação. As tecnologias da informação e comunicação encurtam as distâncias pela sobreposição e ampliação dos espaços. A cidade passa a servir a outras funções, em uma heterotopia marcada pela efemeridade.

Outro modo de apropriação urbana pelas TICs é o *video mapping* ou projeção mapeada. Trata-se de um recurso computacional que faz uso da materialidade arquitetônica como base para gerar novas e transitórias visualidades tridimensionais. Podem ser categorizadas entre as que apenas projetam inscrições digitais sobre a superfície edificada, não alterando a noção do espaço edificado e as que ampliam o espaço físico. Esta última é a que se insere na área de confluência analisada: a arquitetura do espaço aumentado. São apropriações que “reconfiguram” digitalmente o espaço físico, desfazendo-se a percepção original da materialidade arquitetônica, conforme ilustrado na figura 3.

FIGURA 3 – PROJEÇÃO 3D NA PRAÇA GALATASARAY (ISTAMBUL)



Fonte: <http://inspir3d.net/2012/02/17/incredible-3d-video-mapping-in-istanbul/>

Há uma simbiose informacional entre o espaço de dados, das TICs, e o físico, da arquitetura, tendo como resultante a multidimensionalidade. O uso da projeção mapeada corrobora com o encharcamento visual do espaço urbano, que há muito tem sido palco de experimentações e encenações. Outrossim, tem-se no digital a efemeridade e intangibilidade necessárias para não deixar marcas visíveis na cidade. O processo de “desconstrução” e ressignificação do espaço físico não traz informações perenes, de modo que não alteram a materialidade arquitetônica e a paisagem. Há sim, nas exposições de projeção 3D uma forte dimensão da presença, enquanto novas visualidades e interatividade. É uma obra em processo, marcada por um contínuo



(re)fazer.

Considerações Finais

As espacialidades referidas neste artigo, sejam no campo da arquitetura, sejam no espaço urbano, de algum modo representam o que é, foi, está por vir ou pode vir a ser no mundo; um espaço social, visual e temporalmente frenético. Retratam os modos de viver do século XXI, marcado pela mutabilidade e aceleração espaço-temporal. Entretanto, não cabe atribuir às TICs o desencadeamento desse processo, elas se configuram apenas como parte do todo⁷.

A análise das implicações informacionais e relações interacionais das espacialidades constituídas na cultura digital propicia às mesmas um incremento de valor poético e propriamente comunicacional.

⁷ Alguns autores trazem o apontamento, dentre eles Firmino e Duarte (2008).



Referências bibliográficas

BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**, v. 7, 1994.

CAETANO, Kati Eliane. Presenças do sensível nos processos interacionais. **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**. ISSN 1982-2553, v. 11, n. 22, 2011.

COUTINHO, Evaldo. **O espaço da arquitetura**. Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

FERRARA, Lucrecia D.'Aléssio. **Espaços comunicantes**. Annablume, 2007.

_____. **Comunicação espaço Cultura**. 1ª. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

FIRMINO, Rodrigo; DUARTE, Fábio. Cidade infiltrada, espaço ampliado: as tecnologias de informação e comunicação e as representações das espacialidades contemporâneas. *Arquitextos*. São Paulo. **Online**, v. 96, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. Hacker Editores, 2002.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos. **Comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Contraponto, 2010.

LEMOS, André. Jogos móveis locativos: Cibercultura, espaço urbano e mídia locativa. **Revista USP**, n. 86, 2010.

MANOVICH, L. (2002). The poetics of augmented space: Learning from Prada. Disponível em: < <http://www.manovich.net>>. Acesso em: 06 abr. 2013.

OLIVEIRA, Ana Claudia; LANDOWSKI, Eric; DORRA, Raúl. Org.) **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Artmed, 2011.

SCHULZ, Sônia H. **Estéticas Urbanas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008